

LEITURA E MESCLAGEM CONCEITUAL

Silvia Raquel Rocha¹
Onici Claro Flôres²

Em “*The way we think: Conceptual Blending and the Mind’s Hidden Complexities*”, de 2002, a antes chamada Teoria dos Espaços Mentais (1985), enfoca o que presumivelmente acontece nos bastidores da cognição, isto é, na mente humana durante o processamento cognitivo, que pode ser pressuposto, é claro, mas que até hoje não pôde ser ouvido nem visualizado, de modo direto. Seus autores postulam a ideia de que o cérebro funciona ininterruptamente por meio de ativações cerebrais muito intensas das quais resultam, inclusive, construções mentais complexas que vão ocorrendo à medida que *pensamos, falamos, agimos* ou, então, *lemos*, e afirmam ser esta uma aptidão humana peculiar que nos permite construir conjuntos de memórias prontas para serem ativadas, sempre que necessário.

Tal a aptidão teria sido crucial para o desenvolvimento das espécies, já na era Paleolítica, diferenciando, pois, o homem na escala animal. A teoria especula que o ser humano conseguiu desenvolver uma grande capacidade de inovar tanto através da *imaginação*, quanto da *proposição de identidade entre conceitos* e de sua *integração* para criar novos modelos (redes) de pensamento e de ação. Na ótica dos autores, a criação dessas redes é um processo muito rico que, tudo indica, diz respeito a um conjunto de projeções de relações vitais, tais como *identidade, tempo, espaço, causa e efeito, mudança, analogia*, entre outras. Para produzir tais redes, o indivíduo humano conecta espaços mentais entre si e os relaciona a conhecimentos mais estáveis (também chamados conhecimentos prévios), armazenados na memória de longo prazo.

Mas o que é um espaço mental?

Segundo Fauconnier (2004 in: COSCARELLI, 2005), os espaços mentais são ativações cerebrais, implicando a inter-relação neuronal que se processa em espaços/tempo efêmeros, evanescentes, que estruturam informações relevantes, em um dado momento. “Provavelmente nós os organizamos e os conectamos através de excitações sincrônicas de conjuntos de neurônios. Mas isso são suposições, uma vez que ninguém, na verdade, pode ver os espaços mentais no cérebro.” (FAUCONNIER in:

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

² Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

COSCARELLI, 2005). Com base na suposição proposta, tais espaços são definidos como um tipo de abstração de alto nível - baseado em generalizações - que permitem formular hipóteses sobre o pensamento, a linguagem e outros aspectos de nossa vida. Esses espaços seriam, então, formados e ativados para dar conta de uma demanda específica, porém comportariam informações adquiridas ao longo da vida, uma vez que vão se criando e se desfazendo de acordo com necessidades contextuais definidas.

A capacidade de agrupar diversos espaços mentais e, principalmente, a capacidade de criar novos espaços (espaço mesclado), enquanto a pessoa desempenha atividades comuns, é o que caracteriza a cognição na espécie humana. Retomando, então, o espaço mesclado seria o resultado da mistura de dois ou mais espaços entre os quais a mente humana é capaz de imaginar identidades e formar um terceiro espaço, por meio da integração dessas identidades.

A teoria em tela privilegia as atividades de natureza linguística, na tentativa de explicar as atividades da cognição humana, tendo em vista que a linguagem é a principal via de acesso ao conhecimento, sendo também sua mais eficiente forma de expressão. Para seus autores, as operações cognitivas estão intimamente ligadas à linguagem, tanto quanto ao pensamento e à ação.

É importante referir que a Teoria da Mesclagem Conceitual vê a cognição humana como sendo bastante dependente do contexto, propondo-se a analisar os tipos de conexão que a mente humana tende a fazer e os efeitos de sentido surgidos, a partir da linguagem utilizada, em determinados contextos.

Chiavegatto (1998) destaca alguns pressupostos gerais da teoria, os quais se centram na relação discurso/gramática, dentre os quais elencamos: a) certas construções linguísticas são poderosos desencadeadores de processos cognitivos (ou, numa versão mais atualizada, ativadores de espaços mentais); b) tais construções introduzem e abrem espaços mentais nos discursos, fornecendo aos usuários da língua uma via de acesso às informações arquivadas que constituem conjuntos genéricos, preexistentes acerca da organização do mundo real ou imaginário e das relações estabelecidas entre os conjuntos de informações disponíveis; c) o arquivamento de informações em domínios conceptuais se processa desde a mais tenra idade, através das diversas experiências psíquicas, sociais, culturais, linguísticas etc.

Espaços mentais,

[...] enquanto construções cognitivas, congregam e compactam informações de diferentes domínios conceptuais e de como falar ou entender o que a eles está relacionado. Ao engendram o inter-relacionamento entre informações disponíveis em domínios cognitivos distintos, permitem-nos falar e compreender algo que faz referência a um outro espaço ou tempo, a contextos reais, possíveis ou projetados, e, até mesmo, àqueles que só existem na ficção ou na imaginação dos falantes. (CHIAVEGATTO, 1998: 315)

Conforme a teoria, os espaços mentais representam construções específicas, produzidas na tentativa de compreender e agir com maior eficiência em determinado contexto. Essas construções são dinâmicas e resultam das associações feitas entre o que Fauconnier e Turner chamam de *Modelos Cognitivos Idealizados* (MCIs) - domínios mais estáveis, consolidados – de vez que são conhecimentos socialmente produzidos - e *domínios emergentes*, locais, criados no momento específico da interação. O resultado (mesclagem) será sempre contingente, pois a qualquer momento o espaço criado poderá ser mobilizado para estabelecer outra associação possível.

Para Fauconnier e Turner (2002), a mesclagem é a incorporação de estruturas parciais dos espaços mentais anteriores (memórias prévias) para a apresentação de um espaço emergente próprio, que é o espaço mescla. A representação esquemática do que possivelmente acontece no cérebro pode ser visualizada através do seguinte diagrama:

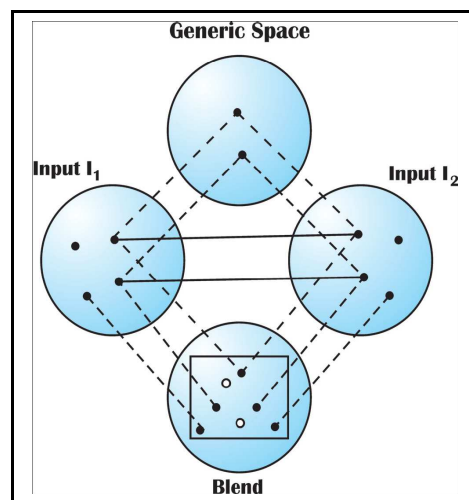


Fig 1 — O processo de Mesclagem. Fauconnier (1997, p.151)

É importante ressaltar que a configuração do espaço mesclado (**Blend**), embora resultante dos espaços primários (**Inputs 1 e 2**) é deles distinta, pois não representa cópia ou mera duplicação. Na construção dessa rede são necessárias projeções parciais entre os espaços primários para a criação de um terceiro, o qual representa a mescla dos

espaços que lhe serviram de base. Dessa forma, podemos dizer que as projeções são seletivas, pois que nem todos os elementos presentes nos *inputs* estarão projetados na mescla.

Hipoteticamente, as projeções são feitas por meio de compressões e descompressões, configurando um dos fenômenos mais importantes da nossa criatividade. Essas compressões são sistemáticas, de forma que podemos comprimir qualquer espaço ou podemos tomar emprestadas compressões já existentes com a finalidade de criar novas mesclas. Segundo Fauconnier (2004 in: COSCARELLI, 2005), “é o resultado dessas compressões que torna as coisas mais acessíveis, mais inteligíveis, e mais fáceis de serem manipuladas pelos seres humanos.” Comprimos por via do estabelecimento de relações entre os espaços mentais e isso nos permite melhor compreensão. Na compreensão, descomprimos ou expandimos e comprimimos ou condensamos, novamente, para guardar na memória.

Se a mente humana não percebe possibilidades de estabelecer relações entre os espaços de *input*, não ocorre a mescla e, se não há *mesclagem*, não há compreensão. Isso porque não há como guardar na memória algo que não apresente um domínio passível de associação. Compreender, afirmam os seguidores da teoria, é exatamente ter a capacidade de comprimir e descomprimir. Comprimindo o que é difuso fica mais fácil compreender, pela lógica de que é mais fácil trabalhar com um número menor de informações.

Nossa hipótese é a de que o processo de compressão tal como formulado teoricamente pode ser comparado ao que acontece no computador, quando usamos um programa especial chamado *compactador*. Os *programas compactadores* são utilizados para diminuir o tamanho dos arquivos, reduzindo o tempo necessário para que eles sejam baixados pela Internet, diminuindo o espaço de disco necessário para guardá-los. Podemos citar, como exemplo bem conhecido, os arquivos .ZIP, que podem conter um ou mais arquivos individuais, compactados conjuntamente como se fossem um único arquivo.

A compressão de dados, em computação, é o ato de reduzir o espaço ocupado num determinado dispositivo. Essa operação é executada através de diversos algoritmos de compressão, diminuindo a quantidade de *bits* para representar um dado, seja ele uma imagem, um texto ou um arquivo qualquer. Significa também eliminar a redundância, o que é feito através de uma regra chamada de código ou protocolo que, quando seguida, elimina os *bits* redundantes de informações, de modo a diminuir seu tamanho nos

arquivos (ficheiros). Vejamos um exemplo: a sequência “AAAAAA”, que ocupa 6 bytes, poderia ser representada pela sequência “6A” que ocupa 2 bytes, economizando 67% do espaço. Ademais, além de economizar espaço, a compressão dos dados permite, tal qual ocorre, em hipótese, na mente humana, obter melhor desempenho e diminuir tempo na transmissão de informações.

É importante lembrar que, para que seja possível utilizar um arquivo compactado, é necessária a utilização de um *programa descompactador*. O programa descompactador efetua a operação inversa do programa compactador, trazendo o arquivo (ou arquivos) ao seu tamanho e formato original, pronto para uso.

Ao propormos estabelecer uma analogia entre a extensão de arquivo .ZIP (arquivo compactado) e a Teoria da Mesclagem Conceitual de Fauconnier e Turner, especialmente no que diz respeito à compressão e descompressão, pensamos, ainda, nas possibilidades de estabelecer relações entre os espaços de *input* - que já estão em nossa mente, nos assim chamados espaços genéricos que conectam as informações gerais mais comuns – e os dois espaços de entrada ou domínios cognitivos diferenciados. Ao estabelecer essas associações e conectar os espaços, buscamos, de fato, uma integração conceitual, uma possível mescla.

Por outro lado, sempre que fazemos compressões e descompressões emergem relações vitais, pois para que possamos comprimir, precisamos estabelecer relações entre elementos diversos. As relações vitais, como já referido, anteriormente, são mapeamentos que se estabelecem entre os espaços mentais, imaginados e propostos por um sujeito situado, que constrói essas relações intersubjetivamente a partir de suas interações com o outro e com o mundo. É estabelecendo relações entre espaços mentais que construímos as redes conceituais: “Essas conexões podem ser estabelecidas por meio de combinações entre *frames* e papéis desempenhados por elementos dos *frames*, identidades ou mudanças entre esses elementos, conexões analógicas e metafóricas.” (ARAÚJO, 2006:55). O termo *frame*, nesse contexto, reúne outros conceitos, tais como esquemas, MCIs, cenários e senso comum.

Fauconnier e Turner (2002) destacam algumas relações vitais, dentre elas mudança, identidade, tempo, espaço, causa e efeito, parte e todo, representação, papel e seu valor, analogia e disanalogia, propriedade, similaridade, categoria, intencionalidade, unicidade. Optamos por focalizar, sobretudo, as relações vitais *analogia* e a *disanalogia* por se relacionarem mais estreitamente à hipótese que levantamos. Assim, entendemos que a relação analógica permite cotejar realidades distintas, estabelecendo semelhanças

entre essas realidades e seus espaços/tempo diferentes que, no entanto, compartilham alguns traços ou características dentre si. Por exemplo, este artigo foi projetado a partir da proposição de uma relação analógica entre a Teoria da Mesclagem Conceitual e o arquivo .ZIP.

É claro que o modo de funcionamento cerebral para comprimir e descomprimir não acontece da mesma forma que a operação no computador, mas é possível entrever um *modus operandi* similar daí a analogia, apesar dos inúmeros aspectos disanalógicos existentes entre simulação do cérebro e o próprio cérebro. Mas simular não é replicar. Daí a possibilidade de, por meio dessa analogia, entendermos melhor o modo de o cérebro funcionar para realizar tais atividades.

As relações apresentadas permitem, de acordo com Fauconnier e Turner (2002), comprimir e descomprimir para construir uma rede de integração conceitual ativa, via mesclagem dos conceitos, ou dos modelos cognitivos globais e suas inter-relações com o aqui e agora.

“Podemos, por exemplo, comprimir toda uma vida, com várias relações vitais de mudança, tempo, espaço, em alguns momentos representativos, que seriam como âncoras que, descomprimidas, detonam várias redes de integração conceitual.

Lembramos, assim, de momentos como nascimento, batizado, aniversários, encontros, casamentos, enfim, momentos de uma vida pelos quais, por compressão e descompressão, contamos uma história de vida.” (ARAUJO, 2006, p. 71)

Desse modo, comprimimos e descomprimos com o único propósito de tornar mais claro o que é obscuro, de trazer à compreensão o incompreensível, tornando viável o seu arquivo, a sua memorização para um acesso futuro tal como na extensão .ZIP. Todas as relações vistas parecem estar para a mente humana similarmente ao modo como está a *classificação* para a compressão de dados no sistema computacional em questão, em que imaginamos e encontramos métodos de compressão com perdas e sem perdas; simétricos ou assimétricos, adaptáveis ou rígidos; de fluxo e de bloco e métodos de classificação quanto à operação que podem ser estatísticos ou de aproximação por entropia; baseados em dicionários ou em redução de redundâncias ou, ainda, de transformações.

Facounnier e Turner (2002) comentam, também, a existência de algumas topologias nas redes de integração conceitual, isto é, de alguns tipos de redes de integração que aparecem com maior frequência na construção de significados,

apontando quatro tipos principais: *a rede simples*, *a rede espelhada*, *a rede de escopo único* e *a rede de escopo duplo*.

A rede espelhada que é a que analisamos neste estudo, apresenta uma integração conceitual em que todos os espaços (*inputs*, genérico e mescla) compartilham de uma mesma organização (uma mesma natureza de atividade relevante). Esta é construída via relações vitais de tempo, espaço, identidade, papel e valor, causa e efeito, mudança, intencionalidade, representação e analogia. Para exemplificá-la, citamos este trabalho, no qual buscamos, através de algumas das relações vitais já explicitadas, principalmente a **analogica**, mesclar os *inputs* através da consideração da mesma natureza relevante: a compressão e a descompressão. Exemplificamos com o diagrama a seguir:

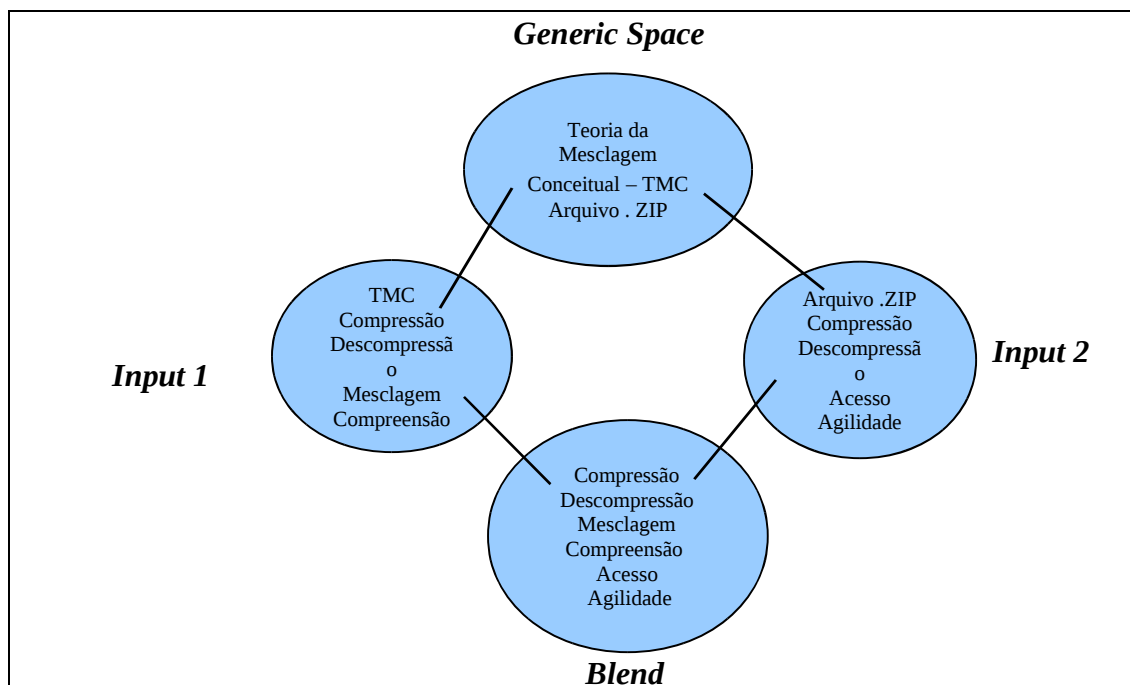


Fig 2 — O processo de Mesclagem – Rede Espelhada. Fonte própria.

Dessa forma, esperamos ter explicitado melhor a Teoria da Mesclagem Conceitual, tendo em vista que fica mais fácil compreender a partir do que é possível associar.

Palavras finais

A Teoria da Mesclagem Conceitual nos aponta a relevância do processo de maximização das relações vitais na mescla para facilitar a compreensão, ou seja, para que possamos comprimir o que é difuso de maneira mais eficiente, seguindo a regra da

otimização que também é parâmetro em sistemas computacionais, pela qual um recurso deve gerar o maior número de resultados possíveis. Investigar de que forma esses processos acontecem na mente humana é, em nossa ótica, uma das formas mais produtivas de mapeamento dos processos cognitivos.

Finalizando, a construção de sentidos inclui operações rotineiras, mas extremamente complexas que estão relacionadas à capacidade de fazer projeções e simulações, ou seja, à capacidade de imaginar e criar, por isso a teoria também nos parece extremamente instigante, de vez que incluiu na cognição, a imaginação, algo tão humano e tão relegado a segundo plano, na agenda de estudos de cognição e linguagem. Em outras palavras, precisamos conhecer melhor a maneira humana de conhecer para potencializarmos a nossa capacidade de criar.

Referências

ARAÚJO, Maria Aparecida. *Compreensão de hipertexto: sob a perspectiva da teoria da mesclagem*. Dissertação (mestrado). UFMG, 2006.

COSCARELLI, Carla Viana. Entrevista: *Uma conversa com Gilles Fauconnier*. www.letras.ufmg.br/rbla/2005_2/entrevista.pdf

_____. *Um exercício de compreensão e aplicação da teoria dos espaços mentais*. In: Linguagem e cognição [recurso eletrônico]: relações interdisciplinares. Jorge Campos da Silva, Vera W. Pereira (org.). POA: EDIPUCRS, 2009.

CHIAVEGATTO, Valéria Coelho. *Um Texto: uma rede de espaços mentais*. In: Língua, Linguística e Literatura – uma integração para o ensino. André Valente (org.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*. Boston: Massachusetts Institute of Technology, 1985.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think. Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Groups, 2002.

FLÔRES, Onici Claro (Org.). *Linhas e entrelinhas: leitura na sala de aula*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

MILITÃO, Josiane Andrade. *Compressão e descompressão: a chave da compreensão*. In: Linguagem e cognição [recurso eletrônico]: relações interdisciplinares. Jorge Campos da Silva, Vera W. Pereira (org.). POA: EDIPUCRS, 2009.

MIRANDA, Neusa Salim. SALOMÃO, Maria Margarida Martins (org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

O que é um arquivo .ZIP? www.agostinhorosa.com.br/zip.html

Wikipedia. A enciclopédia livre. Categoria: compactadores de arquivo.